

MARCHA DAS MARGARIDAS 2023



MARGARIDAS EM MARCHA
PELA RECONSTRUÇÃO DO BRASIL E PELO BEM VIVER

BRASÍLIA, 15 E 16 DE AGOSTO DE 2023

MARGARIDAS EM MARCHA, ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES

Companheiras, mulheres de todo o Brasil, trabalhadoras do campo, da floresta e das águas, mulheres trabalhadoras das cidades, após quase quatro anos aqui estamos novamente em pleno processo de construção da Marcha das Margaridas 2023, que culminará com várias ações nos dias 15 e 16 de agosto, em Brasília.

Durante esse período, nós vivemos momentos sombrios e de muitas incertezas. Nas lutas por sobrevivência, mesmo vivendo às margens e atravessadas por um projeto político de morte, nós atuamos incansavelmente em defesa da vida, construímos nossas histórias, protagonizamos a luta em defesa dos nossos direitos, resistimos e procuramos formas de nos organizar a partir de questões do nosso cotidiano.

Nós mostramos que há resistências! E conseguimos eleger um Governo Democrático Popular, representado na figura do Presidente Lula.

E cá estamos nós com esperança e alegria para juntas traduzir nossos problemas em propostas de mudanças para uma vida digna. Seguimos acreditando que a ousadia, a solidariedade e a criatividade de cada Margarida florescerá ainda mais forte e jogará sementes férteis para mudar a vida de cada mulher trabalhadora do campo, da floresta e das águas, das cidades e periferias.

A Marcha das Margaridas é parte de um grande movimento em curso no Brasil para reconstruir e transformar o nosso país.

Levaremos às ruas a força da nossa luta coletiva para mostrar que nós somos fundamentais para definir um projeto de sociedade para o Brasil. Um projeto que recupere e reconstrua a democracia, que reverta os retrocessos dos

últimos anos e que reorienta a economia para a sustentabilidade da vida, colocando o Estado e as políticas públicas a serviço da construção da justiça social, abrindo caminho para a sociedade do amor, do bem-viver e do envolvimento.

Com alegria, determinação e irreverência ocuparemos as ruas de Brasília para mostrar que estamos comprometidas com esse projeto. Compromisso selado a partir da nossa organização coletiva, dos espaços de diálogo e articulação e das alianças políticas e rede de solidariedade que construímos e fortalecemos, sobretudo nos últimos anos.

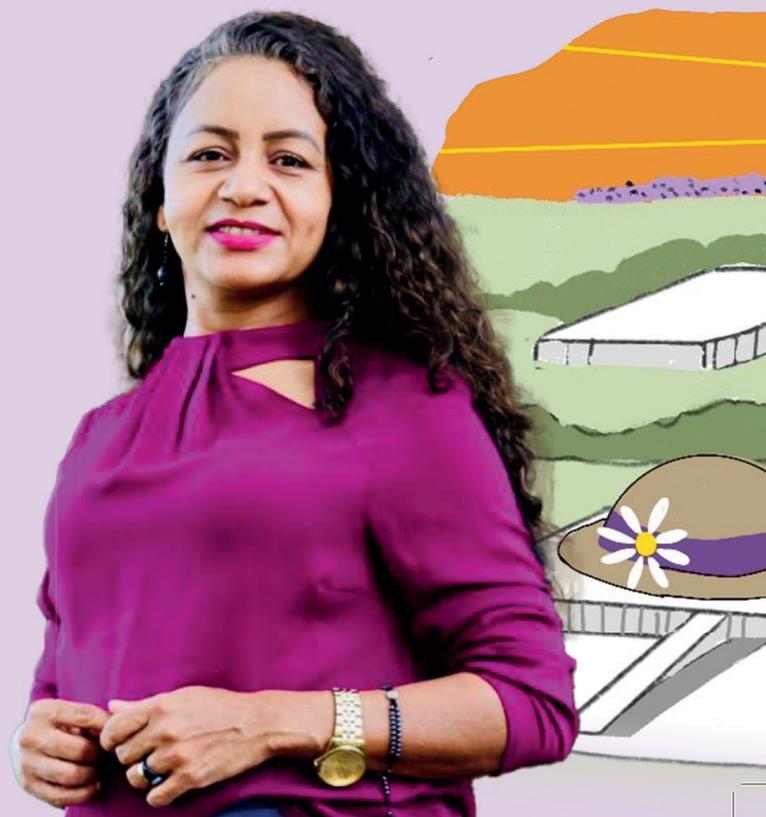
Este é um chamado especial para todas as mulheres agricultoras familiares, trabalhadoras do campo, da floresta e das águas, mulheres jovens, negras, mulheres das cidades. Nós podemos construir um novo mundo e um novo tempo!

Vamos juntas retomar a política, reconstruir esse Brasil e realizar uma grandiosa Marcha das Margaridas 2023!

Mazé Moraes

Secretária de Mulheres da CONTAG

Coordenadora Geral da Marcha das Margaridas 2023



MARCHA DAS MARGARIDAS

O que é?

A Marcha das Margaridas é uma ação estratégica conduzida e protagonizada por mulheres trabalhadoras rurais do campo, da floresta e das águas com a finalidade de construir visibilidade pública e conquistar reconhecimento social e político. Ela é coordenada pela Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), suas 27 Federações e Sindicatos filiados, e se constrói em parceria com outros coletivos e movimentos feministas e de mulheres trabalhadoras, centrais sindicais e organizações internacionais.

Desde o seu surgimento, no ano 2000, a Marcha das Margaridas tem demonstrado uma grande capacidade de mobilização, tornando-se uma referência nacional de organização e luta das mulheres trabalhadoras rurais, sendo, hoje, amplamente reconhecida como a maior e mais efetiva ação das mulheres no Brasil e em toda a América Latina.

A Marcha está inserida nas dinâmicas locais a partir dos diálogos que as mulheres estabelecem desde os seus territórios e comunidades até chegar às ruas da capital do País. Ela envolve processos formativos e de debates, ações políticas e de mobilização enraizadas em cada local.





Quem são as Margaridas?

Nós, Margaridas, somos mulheres do campo, da floresta e das águas, trabalhadoras rurais, agricultoras familiares, camponesas, quilombolas, assentadas, acampadas, sem-terra, assalariadas, extrativistas, quebradeiras de coco, catadoras de mangaba, indígenas, ribeirinhas, pescadoras, marisqueiras, coletoras, caiçaras, faxinalenses, sertanejas, vazanteiras, caatingueiras, criadoras em fundos de pasto, raizeiras, benzedadeiras, geraizeiras e tantas outras identidades que expressam a nossa diversidade. Nós fazemos a agricultura

familiar e camponesa! Em MARCHA, tecemos nossas experiências comuns de vida, de luta e resistência, unindo muitas bandeiras em um só movimento.

Somos mulheres de diversas idades, cores, etnias, origens e lugares. Nossa unidade se dá através da ação. Pertencemos aos mais diversos territórios rurais, que abriga as riquezas dos nossos diferentes biomas e de onde construímos resistências contra qualquer projeto político de desenvolvimento que explore e esgote os bens naturais, nossos trabalhos, vidas e corpos. Coletivamente, nos organizamos e vamos para as ruas em Marcha.

SOMOS SEMENTES DE MARGARIDA ALVES!

A Marcha tem como força inspiradora a luta de Margarida Maria Alves, uma mulher trabalhadora rural nordestina e líder sindical, que rompendo com padrões tradicionais de gênero ocupou, por 12 anos, a presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba.

Por lutar pelo direito à terra, pela reforma agrária, por educação, por igualdade e por defender direitos trabalhistas e vida digna para trabalhadoras e trabalhadores rurais, Margarida Alves foi cruelmente assassinada na porta da sua casa, no dia 12 de agosto de 1983.

Seu nome se tornou um símbolo nacional de força e coragem cultivado pelas mulheres e homens do campo, da floresta e das águas. É em nome dessa luta que a cada quatro anos, no mês de agosto, milhares de Margaridas de todos os cantos do País marcham em Brasília, num clamor por justiça, igualdade e paz no campo e na cidade.

*Nossa Margarida
não morreu,
ela tá brotando
sementes cada
dia mais...*



Margarida Alves deixou pra gente esse legado de luta, essa semente, plantou essa semente pra que hoje a gente esteja cultivando. E essa semente tem que germinar, e tem que germinar por nós, mulheres!

NÓS TEMOS UMA HISTÓRIA...

Há mais de 20 anos marchando, nos encontraremos em Brasília mais uma vez. Em 2023, estaremos juntas na nossa 7ª Marcha das Margaridas.

Em todos esses anos fomos capazes de promover interação e aprendizagem mútua e, a partir disso, construir novos entendimentos na busca de um sonho comum e de uma sociedade que queremos vir a ter. Os caminhos que nos trouxeram até aqui são de muita resistência, ousadia, coragem e criatividade.

A primeira Marcha das Margaridas foi realizada no ano de 2000, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, com o Lema “**2000 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista**”, como uma ação em adesão a Marcha Mundial das Mulheres. Ela teve um forte caráter de denúncia do projeto neoliberal, mas as trabalhadoras rurais também apresentaram uma pauta de reivindicações para negociação com o governo. Grande parte dessas reivindicações voltou a integrar a pauta das marchas seguintes.

2000



Em 2003 e 2007, reafirmando o lema anterior, as mulheres marcham em Brasília contra a fome, a pobreza e a violência sexista, sob o governo Lula, com o qual negociaram pauta de reivindicações, obtendo duas grandes conquistas: a criação do Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural e a titulação conjunta das terras destinadas à reforma agrária.

Em 2011, fortalecidas pela eleição da primeira mulher presidenta do Brasil, 100 mil Margaridas vieram às ruas com o lema: **"2011 razões para marchar por desenvolvimento sustentável, com justiça, autonomia, igualdade e liberdade"**. Importantes conquistas foram anunciadas pelo governo de Dilma Rousseff, como a criação e implementação da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO).

2003



2007



2011



2015



Sob os governos Lula e Dilma, as mulheres, através da Marcha das Margaridas, obtiveram as maiores conquistas em termos de programas e políticas públicas em relação ao apoio à produção (crédito, assistência técnica, organização produtiva), saúde, educação, enfrentamento à violência, entre outros.

Em 2015, já se armava o golpe político contra a Presidenta reeleita, Dilma Roussef. Resistindo ao impeachment e em solidariedade à presidenta pelos ataques sofridos durante esse período, as mulheres reafirmaram que **“Margaridas seguem em marcha por desenvolvimento sustentável, com democracia, autonomia, igualdade e liberdade”**.

2019



Em 2019, dando continuidade a era de destruição de direitos trabalhistas e desmonte de políticas públicas, iniciado no Governo Temer, Bolsonaro assume a presidência, deixando a população das periferias urbanas, e do campo, da floresta e das águas ainda mais vulneráveis à crise que estava por vir.

Mas as mulheres não se intimidaram e realizaram em Brasília a maior Marcha das Margaridas, com mais de 100 mil mulheres vindas de todos os cantos e recantos desse país. A Marcha da resistência, como ficou conhecida, anunciava as **“Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência”** e apresentou à sociedade uma Plataforma Política com proposições que apontavam o caminho para a construção de um projeto de sociedade verdadeiramente democrático e participativo.

O CANTO DAS MARGARIDAS

Olha Brasília está florida
Estão chegando as decididas
Olha Brasília está florida
É o querer, é o querer das Margaridas

Somos de todos os novelos
De todo tipo de cabelo
Grandes, miúdas, bem erguidas
Somos nós as Margaridas

Nós que vem sempre suando
Este país alimentando
Tamos aqui para relembrar
Este país tem que mudar!

Olha Brasília está florida...

Água limpa sem privar
Sede de todos acalmar
Casa justa pra crescer,
Casa justa pra crescer
Saúde antes de adoecer

Terra sadia pra lucrar
Canja na mesa no jantar
Um mínimo para se ter,
Um mínimo para se ter
Direito à paz e ao prazer

E dentro e fora punição
Pra quem abusa do bastão
Do ser patrão, do ser machão
Não pode não, não pode não
Não pode não, não pode não!

Olha Brasília está florida ...

É o querer, é o querer das Margaridas!
É o querer, é o querer das Margaridas!



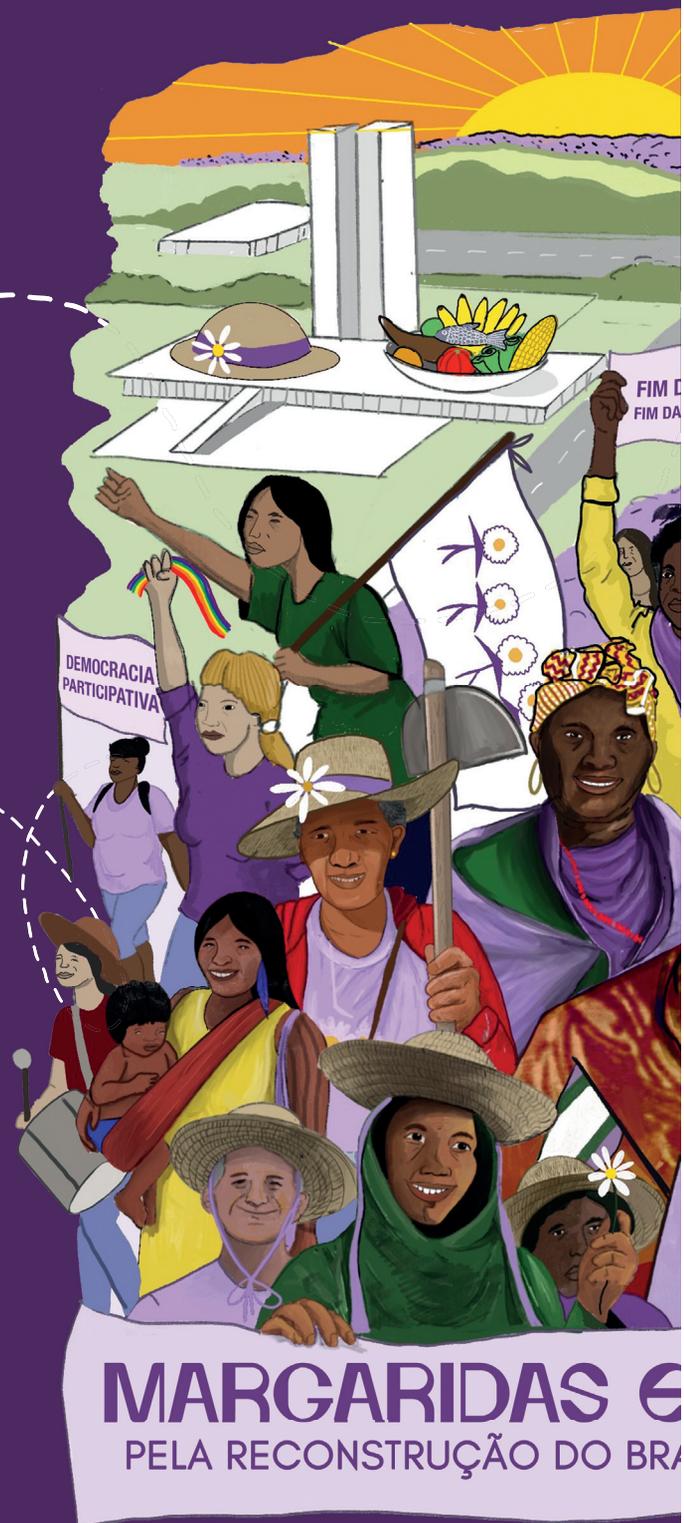
MARCHA DAS MARGARIDAS

NOSSO LEMA:

MARGARIDAS EM MARCHA
PELA RECONSTRUÇÃO DO
BRASIL E PELO BEM VIVER

NOSSOS REFERENCIAIS:

Reconhecemos a Marcha das Margaridas como um caminho coletivo de transformação social e como uma das mais fortes expressões de resistência à violência, à opressão e ao racismo estrutural que vivenciamos, pelo simples fato de sermos mulheres.



MARCHAS 2023



Nos guiamos pelos princípios de um feminismo, anticapitalista, antirracista e anti-patriarcal. Um feminismo que é construído a partir da reflexão crítica sobre o que vivenciamos como mulheres do campo, da floresta e das águas, e que reconhece e valoriza o saber por nós acumulado ao longo de gerações. Um feminismo que traz a auto-organização e a participação política das mulheres como condição para a superação da violência em suas diversas faces e, sobretudo, que valoriza a vida, ao defender a agroecologia, os territórios, os bens comuns e a soberania e autodeterminação dos povos.

Marchamos para reconstruir um Brasil verdadeiramente democrático com soberania popular, justiça e livre de violência. Uma democracia plural, que reconheça a diversidade da sua gente pela participação dos diferentes segmentos da população, sobretudo das mulheres, nos espaços de decisão e que garanta os direitos fundamentais através da elaboração e execução de políticas públicas que gere qualidade de vida e bem-estar social para a maioria do seu povo e que promova o Bem Viver em defesa da vida e dos territórios.

Lutamos por justiça e pela garantia plena de direitos para enfrentar as desigualdades de classe, gênero e étnico-raciais, sempre associadas a desigualdade ambiental e climática. Assim, nos colocamos em movimento permanente de contestação às violações de direitos, racismo estrutural e ameaças à vida.

POR QUE SEGUIR MARCHANDO?

Todos os olhos do mundo estão voltados, hoje, para o Brasil, que elegeu um governo democrático, após vivermos os impactos do golpe que retirou Dilma Rousseff (PT) da presidência em 2016, prendeu ilegalmente o então ex-presidente Lula, e pavimentou o caminho para que, em 2018, a extrema-direita chegasse ao poder com a eleição de Jair Bolsonaro.

A vitória de Lula foi decisiva para encerrar esse ciclo que nos impôs uma conjuntura diferente, mais dura e violenta do que todas as outras que havíamos vivido em períodos recentes; assim como, o seu governo será decisivo para reconstruir o Brasil.

Nós, Margaridas, fomos fundamentais nesse processo. Estávamos cientes de que essas eleições seriam cruciais para todo o conjunto da classe trabalhadora, sobretudo, para nós mulheres, e com esse entendimento construímos a luta por essa vitória de maneira coletiva e organizada, porque queríamos (e queremos) transformar o nosso país.

Seguimos marchando para transformar!

Mais de dois anos de pandemia e quatro anos de um governo que desestruturou políticas públicas essenciais agravaram ainda mais as nossas condições materiais de vida, sobretudo, entre as mulheres negras e de baixa renda. Um governo durante o qual vivemos um cotidiano marcado pela implementação de um projeto de morte, que atentou contra todas as bases da vida e colocou milhões de pessoas na miséria, enquanto uma minoria seguia acumulando riquezas.

Fomos impactadas com medidas como o congelamento dos investimentos em políticas sociais de educação, saúde, assistência social, ciência e tecnologia, entre outras, e com a imposição de retrocessos aos direitos das mulheres.

Nós sentimos na pele o peso da pandemia e do avanço da fome, do desemprego, do empobrecimento, da insegurança financeira e alimentar, da carestia, da feminização da pobreza e da violência.

Vivemos tempos duros, tempos de conservadorismo extremo, de ataques brutais aos direitos, de desmonte das políticas públicas para a agricultura familiar e camponesa, e para a proteção da natureza e dos nossos territórios.

Vivemos tempos em que quiseram silenciar as nossas vozes, em que atacaram e violentaram nossos corpos-territórios.

Vivemos tempos em que a ganância envenenou ainda mais o ar que respiramos, o alimento que nos nutre, a água que bebemos e o solo onde plantamos.

Vivemos tempos em que grileiros de terras, madeireiros, mineradoras, setores do agronegócio, avançaram sobre povos e populações do campo, da floresta e das águas, populações indígenas e povos tradicionais.

Vivemos tempos em que as grandes corporações, com apoio do Governo e da maioria do Congresso Nacional, causaram a destruição da natureza e promoveram a morte com seus pacotes de venenos na agricultura familiar.



Sentimos na pele o crescimento da intolerância, do sexismo, do racismo, do etnocídio, da precarização da vida e da negação de direitos aos nossos povos do campo, da floresta e das águas, dos povos originários e de matriz africana.

E tudo isso nos colocou numa situação de total emergência: social, econômica, climática, sanitária, ecológica, civilizatória, sob um pano de fundo no qual as desigualdades de renda e de raça tornaram-se ainda mais marcadas.

Porém, nunca deixamos de lutar!

E, hoje, marchamos porque precisamos reconstruir o Brasil!

E não será uma tarefa fácil!

Primeiro, porque quem elabora as leis (deputados/as federais e senadores/as) são na grande maioria de direita ou extrema-direita, o que exigirá do presidente Lula a construção de amplas alianças para executar o seu Plano de Governo e assegurar a governabilidade. Segundo, porque ele vai precisar reconstruir o orçamento público para manter a máquina funcionando e garantir programas e políticas públicas.

Isso porque, além de deixar rombo fiscal (prejuízo financeiro) de bilhões nos cofres públicos, o Governo Bolsonaro enviou ao Congresso Nacional uma proposta de orçamento para 2023 que não prevê recursos financeiros suficientes para, praticamente, nenhuma política social, nem mesmo para garantir o Auxílio Brasil no valor de R\$ 600,00. Lula precisará ter uma es-

pécie de "licença" para gastar acima do teto de gastos, o que demandará do seu Governo negociação com o Congresso Nacional e com o Tribunal de Contas da União (TCU).

Isso tudo indica que o cenário, pelo menos para o próximo ano, será de muitos enfrentamentos.

Marchamos pela garantia dos nossos direitos!

Sabemos que tem muita luta pela frente em busca da (re)conquista dos nossos direitos, por que eles só são concretizados através de políticas públicas. A eleição de Lula por si só não nos garante isto. Precisaremos nos manter organizadas e pressionando o Congresso Nacional e o Governo Federal. Essa é uma batalha que teremos que travar, mas ao menos nos dá certo alento saber que ela será disputada no campo da democracia e da justiça.

Marchamos porque precisamos mostrar a força das nossas lutas!

Ao lado de inúmeros setores oprimidos, nós Margaridas, anunciamos um novo projeto de sociedade e de mundo. Um projeto que descoloniza a vida e abre caminhos para a sociedade do Bem Viver e do envolvimento.

Derrotar Bolsonaro foi um passo essencial para dar início ao processo de reconstrução do Bra-

sil e para a retomada do Estado Democrático de Direito. Mas é preciso continuar resistindo e enfrentando o bolsonarismo, o neoliberalismo e o conservadorismo, e isso demanda de nós muita luta e compromisso político, em todos os nossos espaços de atuação, inclusive nas ruas.

Diante desse novo cenário político, precisamos continuar articuladas, em diálogo, apresentando propostas para continuar protagonizando o debate sobre democracia participativa e soberania popular, e propondo caminhos de superação das desigualdades.

Entendemos que para transformar o país será necessário que o próximo governo tenha capacidade de recuperar os desmontes que o país vem sofrendo desde 2016, agravados no Governo Bolsonaro. E para que isso ocorra é necessário construir esse projeto com a luta das mulheres, suas bandeiras e proposições, que estão organizados a partir de 12 eixos políticos, apresentados a seguir, que dialogam entre si, formando um conjunto que se soma numa relação de complementariedade.

Marchamos porque estamos na disputa por um projeto popular, democrático, feminista, antirracista e agroecológico!



EIXOS POLÍTICOS QUE NOS MOBILIZAM:

-  Democracia participativa e soberania popular
-  Poder e participação política das mulheres
-  Autodeterminação dos povos, com soberania alimentar, hídrica e energética
-  Democratização do acesso à terra e garantia dos direitos territoriais e dos marítimos
-  Vida saudável com agroecologia e segurança alimentar e nutricional
-  Direito de acesso e uso da biodiversidade, defesa dos bens comuns e proteção da natureza com justiça ambiental e climática
-  Autonomia econômica, inclusão produtiva, trabalho e renda
-  Educação pública não sexista e antirracista e direito à educação do e no campo
-  Saúde, previdência e assistência social pública, universal e solidária
-  Universalização do acesso à internet e inclusão digital
-  Vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sem sexismo
-  Autonomia e liberdade das mulheres sobre o seu corpo e a sua sexualidade

Democracia participativa e soberania popular

Por uma sociedade verdadeiramente democrática, apoiada na soberania popular. Pela criação e/ou ampliação de mecanismos da democracia participativa e espaços de participação social, onde os povos e os grupos sociais possam se fazer representar na sua diversidade e exercer o seu poder de decisão sobre as grandes questões que afetam os rumos do país, algo fundamental para a formulação, implantação e fiscalização de políticas, programas e serviços públicos. A garantia do diálogo nesses espaços, e através deles, fortalece o respeito à diversidade e autonomia política da população, sobretudo daqueles segmentos historicamente deles excluídos.

Poder e participação política das mulheres

Pela democratização do poder e pela garantia do direito às mulheres à vida política, com o fortalecimento da sua participação política e ampliação da sua representatividade, nas estruturas de poder instituídas. Por paridade de gênero na política. Pela pluralidade dos espaços da política, para que ela não permaneça como um espaço de poucos, mas de todos aqueles segmentos que não detêm o poder econômico e estão politicamente excluídos desses espaços, como as mulheres, negras, indígenas, jovens entre tantas outras. Pela ampliação das possibilidades e oportunidades de participação política, capaz de incluir e processar os projetos de transformação social de segmentos historicamente excluídos dos espaços de poder, sobretudo, as mulheres em toda a sua diversidade de mulheres do campo, da floresta e das águas, de mulheres negras e indígenas.



Autodeterminação dos povos, com soberania alimentar, hídrica e energética

Pelo direito dos povos de escolher livremente o seu destino, e dispor livremente de suas riquezas e dos seus recursos naturais, não sendo privado de seus meios de subsistência. Pela valorização de nossas culturas alimentares e pelo direito de decidir sobre as formas de cultivo, distribuição, consumo e preparo dos alimentos. Pelo direito de decidir sobre o uso, o tipo e a exploração dos nossos recursos energéticos.

Democratização do acesso à terra e garantia dos direitos territoriais e dos territórios

Pela implementação de uma Reforma Agrária que, orientada pelo princípio da Função Social da Terra, promova a democratização do acesso à terra da população do campo, da floresta e das águas, sobretudo, das mulheres. Pelo reconhecimento dos territórios e pela garantia dos direitos dos povos indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais aos seus territórios.

Vida saudável com agroecologia e segurança alimentar e nutricional

Pela garantia de territórios saudáveis. Por políticas públicas de fomento e fortalecimento de sistemas de produção agroalimentares cujos referenciais se baseiem na sustentabilidade ambiental, na justiça social, no respeito às matrizes culturais e territoriais e no reconhecimento e valorização do trabalho realizado pelas mulheres na construção da agroecologia, assim como no apoio às práticas agroecológicas para a produção de alimentos saudáveis, que garanta a segurança alimentar e nutricional.

Direito de acesso e uso da biodiversidade, defesa dos bens comuns e proteção da natureza com justiça ambiental e climática

Pela conservação e uso sustentável dos recursos da natureza com justiça ambiental, sendo assegurado aos povos do campo, da floresta e das águas, que vive junto e com ela, a proteção do direito ao livre uso e acesso à biodiversidade e bens comuns; e o reconhecimento e valorização dos seus conhecimentos, sobretudo o das mulheres, para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Também como medida de enfrentamento as mudanças climáticas, cujos riscos são suportados de uma forma desigual e injusta, sendo a justiça climática um clamor urgente.



Autonomia econômica, inclusão produtiva, trabalho e renda

Pela conquista da autonomia econômica das mulheres, através do acesso aos mercados, obtenção de renda digna, e inclusão produtiva. Em defesa dos direitos trabalhistas e previdenciários. Pela valorização do salário mínimo e a igualdade no mundo do trabalho. Por apoio à organização produtiva com crédito e assistência técnica. Pela divisão justa do trabalho doméstico.



Educação pública não sexista e antirracista e direito à educação do e no campo

Por uma educação que promova mudanças das relações de gênero e étnico-raciais, a desconstrução dos estereótipos sexuais e o respeito às diferenças no espaço escolar. A luta por uma educação não sexista e antirracista se soma a luta pelo direito à Educação do Campo, uma educação contextualizada na realidade do campo, da floresta e das águas, com currículo, calendário e conteúdo que valorizem os saberes dessas populações, considerando práticas pedagógicas baseadas nos saberes, fazeres e culturas enraizadas nos territórios de vida e trabalho dessas populações.

Saúde, previdência e assistência social pública, universal e solidária

Em defesa do direito humano à proteção social. Pelo fortalecimento do Sistema de Proteção Social do Estado Brasileiro. Em defesa do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e do Sistema Único de Saúde (SUS), da forma como foi concebido originalmente. Pela retomada e/ou fortalecimento dos programas e políticas de saúde do SUS. Contra qualquer tipo de reforma previdenciária que ameace os direitos já conquistados pela classe trabalhadora.

Universalização do acesso à internet e inclusão digital

Pelo fim da exclusão e desigualdade digital que atinge fortemente os territórios rurais, sobretudo as mulheres, que são as que menos se beneficiam das tecnologias de informação digital. Pela universalização do acesso à internet e inclusão digital como instrumento para exercício da cidadania. Por políticas de infraestrutura que possibilite a ampliação da rede de internet. Pela ampliação da utilização das tecnologias de informação como meio de inclusão social, circularidade do conhecimento e promoção da democracia.

Vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sem sexismo

Pelo enfrentamento do modelo de opressão patriarcal que tem a violência como pilar é reflexo direto da influência do machismo, do sexismo e do racismo na formação social brasileira. Por uma sociedade sem violência, sem racismo e sem sexismo, governada pelos valores da justiça social, igualdade, solidariedade e da paz. Pelo fim da violência que atinge cotidianamente as mulheres, ferindo-as física, emocional e psicologicamente. Por políticas públicas e outros mecanismos que protejam e combatam a violência contra as mulheres e o racismo estrutural.

Autonomia e liberdade das mulheres sobre o seu corpo e a sua sexualidade

Pela liberdade e pelo direito das mulheres à autonomia sobre o seu corpo, para que tenham poder sobre si mesmas e possam exercer o direito de expressar a sua sexualidade de forma livre, tendo autonomia para decidir sobre sua vida sexual, sobre com quem se relacionar, quando ou se deseja engravidar (ou abortar), além da livre orientação sexual.



É NÓS POR NÓS E POR TODAS NÓS!

Nós entendemos a importância da articulação política das mulheres do campo, da floresta, das águas e das cidades para que juntas estejamos em constante movimento nas correntezas das lutas, dando visibilidade às nossas ações, discutindo questões inerentes às nossas diversas realidades, reconhecendo e fortalecendo o nosso protagonismo e a nossa capacidade na defesa dos nossos territórios e da vida, na garantia de direitos e na reconstrução de um Brasil com soberania popular, democracia, justiça e livre de violência.



MAMA
Movimento Articulado
das Mulheres da Amazônia



GT
Mulheres
da ANA



UNICAFES
União Nacional das Cooperativas da
Agricultura Familiar e Economia Solidária



CONTAR
Confederação Nacional dos Trabalhadores
Assalariados e Assalariadas Rurais



**CONFREM
BRASIL**



CONAQ
Coordenação Nacional de
Articulação das Comunidades
Negras Rurais Quilombolas

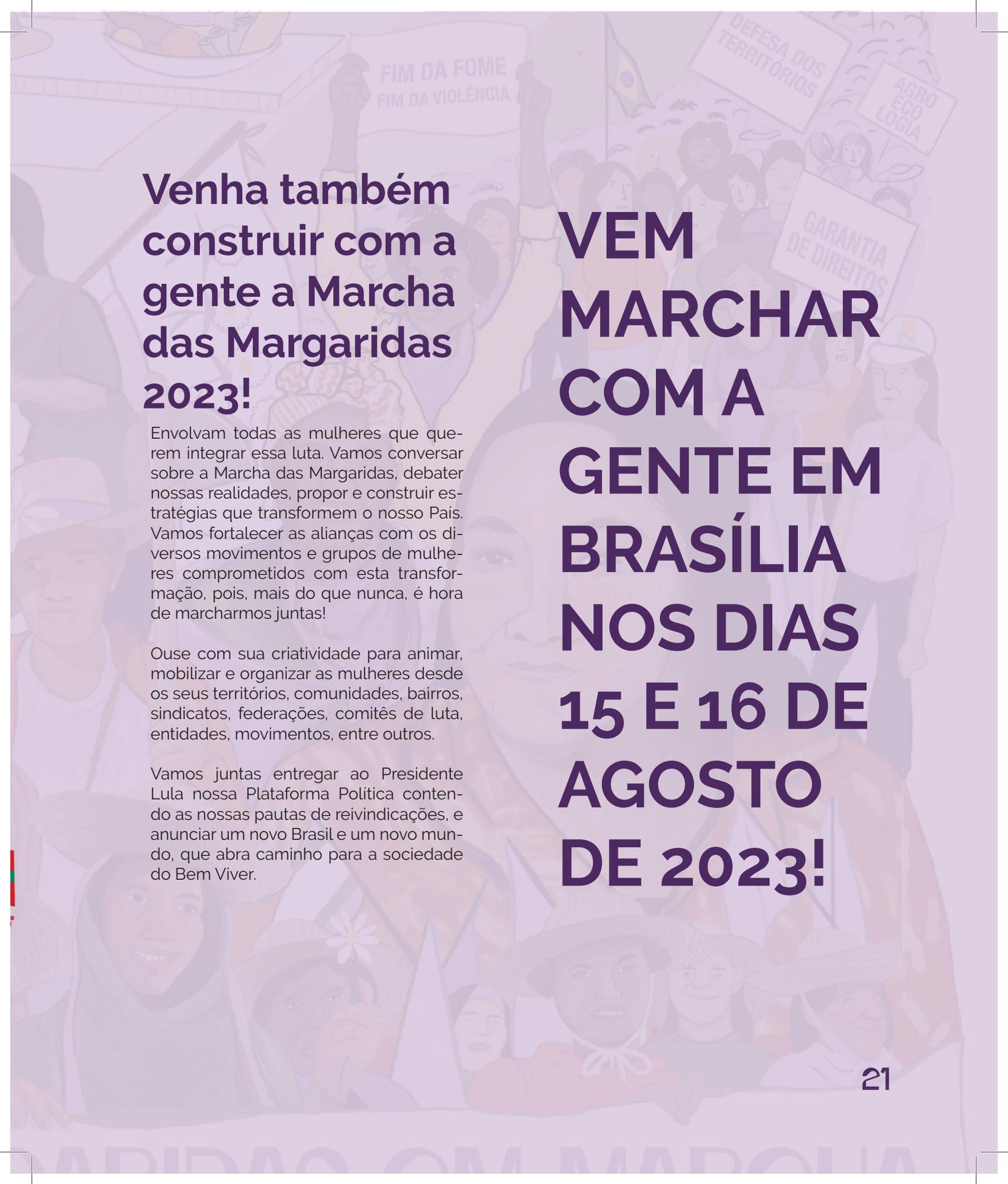


**Central dos Trabalhadores
e Trabalhadoras do Brasil**



CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES





Venha também construir com a gente a Marcha das Margaridas 2023!

Envolvam todas as mulheres que querem integrar essa luta. Vamos conversar sobre a Marcha das Margaridas, debater nossas realidades, propor e construir estratégias que transformem o nosso País. Vamos fortalecer as alianças com os diversos movimentos e grupos de mulheres comprometidos com esta transformação, pois, mais do que nunca, é hora de marcharmos juntas!

Ouse com sua criatividade para animar, mobilizar e organizar as mulheres desde os seus territórios, comunidades, bairros, sindicatos, federações, comitês de luta, entidades, movimentos, entre outros.

Vamos juntas entregar ao Presidente Lula nossa Plataforma Política contendo as nossas pautas de reivindicações, e anunciar um novo Brasil e um novo mundo, que abra caminho para a sociedade do Bem Viver.

VEM MARCHAR COM A GENTE EM BRASÍLIA NOS DIAS 15 E 16 DE AGOSTO DE 2023!

DIRETORIA EXECUTIVA DA CONTAG
(GESTÃO 2021 – 2025)

Aristides Veras dos Santos
Presidente

Alberto Ercílio Broch
Vice-Presidente

Thaís Daiane Silva
Secretária Geral

Juraci Moreira Souto
Secretário de Finanças e Administração

Alair Luiz dos Santos
Secretário de Política Agrária

Vânia Marques Pinto
Secretária de Política Agrícola

Sandra Paula Bonetti
Secretária de Meio Ambiente

Edjane Rodrigues Silva
Secretária de Política Sociais

Carlos Augusto Santos Silva
Secretário de Formação e Organização Sindical

Maria José Morais Costa
Secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais

Mônica Bufon Augusto
Secretária de Jovens Trabalhadores e
Trabalhadoras Rurais

Antonio Oliveira
Secretário de Terceira Idade

**SECRETARIA DE MULHERES
TRABALHADORAS RURAIS**

Maria José Morais Costa

Equipe:
Vilênia Venâncio Porto Aguiar
Anna Carolina Carvalho Batista Teixeira
Camila Guimarães Guedes

Arte:
Ribs

Projeto gráfico e diagramação:
Indi Gouveia

Impressão:
Cidade Gráfica

Tiragem: 7000



REALIZAÇÃO:



PARCEIRAS:

